

A AVALIAÇÃO ESCOLAR COMO PROCESSO DE MELHORIA

NA QUALIDADE DO ENSINO

RESUMO: O presente trabalho foi elaborado com objetivo de fazer um estudo acerca da avaliação escolar como processo de melhoria na qualidade do ensino. Sobre essa perspectiva parte-se da hipótese que a avaliação se dá de forma autoritária e modo de seleção cujos preceitos se baseiam nos méritos pessoais, já no que diz respeito à classificação dos alunos pode-se fazer uma seleção dos que forem aprovados para prosseguir nas séries seguintes. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica que revela opinião de diversos estudiosos como: Hoffmann (2005), Antunes (2003) e Luckesi (1990). O estudo permitiu concluir que é necessário que a escola trabalhe a avaliação da aprendizagem, não só com a obrigação de aprovar ou reprovar, mas de contribuir para que o educando tenha conhecimento afim do mesmo possa sempre se aperfeiçoando, é uma maneira de investigar e explorar mais profundamente os acontecimentos que estão ao seu redor para com isso tomar suas próprias decisões adquirindo assim autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação, aprendizagem, autonomia.

ABSTRACT: This work was done in order to make a study on the school evaluation and improvement process in the quality of education. On this view it is part of the hypothesis that the evaluation takes place in an authoritarian manner and mode selection whose principles are based on personal merits, as in who regard the classification of students can make a selection of those who are approved to continue the series following. The methodology adopted was the literature that reveals opinion of many scholars as: Hoffmann (2005), Antunes (2003) and Luckesi (1990). The study concluded that it is necessary that the school work the assessment of learning, not only with the obligation to approve or disapprove, but to contribute to the student becomes aware in order thereof can always be improved, it is a way to investigate and explore further events that are around to it make their own decisions thus acquiring autonomy.

KEYWORDS: Evaluation, learning, autonomy.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que os educadores, políticos e a sociedade vem dando mais atenção voltando-se para a parte social e política da avaliação por refletir, sobre as práticas na qual coexistir para uma educação democrática. Intensificaram-se, a partir daí, os estudos e as pesquisas na área.

A pesquisa considera que a busca para tentar resolver os desafios de sair do tradicionalismo, que por inúmeras vezes se apresenta como empecilho é também desafio a ser considerado. E o processo de avaliação abrange todas as facetas do ato de educar, entendendo-se por avaliação um processo mais amplo do que a simples aferição de conhecimentos constituídos pelos alunos em determinado momento de sua trajetória escolar. Deve ser considerado tanto o processo que o aluno desenvolve ao aprender como o produto alcançado. Assim como reflexões a cerca do processo de Avaliação da Aprendizagem como processo de melhoria para qualidade do ensino, ao tratarmos da avaliação escolar: conceitos e possibilidades os autores apontam as variadas vertentes que a avaliação se apresenta e suas denominações, seguindo a sequência a avaliação escolar como processo construtivo de um novo fazer traz no seu bojo a questão do entendimento do aluno sobre o ato de avaliar, finalizamos com um olhar reflexivo sobre a avaliação escolar.

Partindo dessa reflexão esse trabalho busca fazer uma análise da avaliação escolar no dia a dia, revendo seus conceitos, o que funcionam e as que não saem do papel. Assim, se pretende chamar a atenção para as avaliações que ora se encontram inadequados à sala de aula. Desta feita, vale refletir sobre a matriz curricular na qual a escola está inserida. Para tanto, a metodologia adotada para esse trabalho foi a pesquisa bibliográfica que revela opinião de diversos estudiosos.

Uma questão que é complexa, porém digna de reflexão é o que diz respeito à avaliação. Como é organizada a avaliação? Como acontece na prática a avaliação? É com o intuito de passar de ano ou visa o desenvolvimento do aluno?

2 AVALIAÇÃO ESCOLAR: CONCEITOS E POSSIBILIDADES

Muito se vem fazendo a cerca de uma discussão voltado avaliação escolar, uma grande tentativa na busca por uma definição do que realmente significa originalmente na pratica de uma ação educativa o que é avaliação. Muitos educadores renomados falam sobre processo de avaliação educacional.

Desta feita se pode destacar a pesquisadora Hoffmann (2005, p.11), que afirma que o “fenômeno avaliação” é hoje, um fenômeno indefinido. Já que tanto o Educador quando o Educando se utiliza de modo na qual atribuem significados sempre relacionando, a cima de tudo, aos princípios fundamentais. Componentes na qual á pratica de se avaliar sempre no tradicional: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação, entre outros.

A questão tradicional de dar notas é avaliar, aplicar uma prova é avaliar, isso acabam perdendo o verdadeiro sentido do que realmente é avaliar, e com isso acabam se tendo como conceito de avaliação se da na questão de uma analise de desempenho, julgamento de um resultado da capacidade e avaliação de tudo na visão do aluno. Isso acaba ocorrendo que se utiliza a avaliação como ferrementa para aprovação e reprovação, em fim a nota se torna o único meio, e com isso fica cada vez mais afastada e sem proposito a questão da aprendizagem.

A visão do que realmente é uma avaliação da natureza histórica do que realmente é uma avaliação, tanto por parte do educando como dos educadores, antes se definia como uma ação do julgamento de um valor dos resultados que se era alcançado. Com isso se dava a importância a elementos essenciais como provas, notas, conceito, reprovação, registros, na qual se tinha uma relações estabelecidas.

Assim com os erros e contrastes incoerência de se estabelecer no contexto e na pratica escolar em relação avaliação, onde se há decorrência é a dicotomia educação e avaliação. “Os educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados” (Hoffmann, 2005).

Por tanto, neste sentido que se faz necessário à consciência de uma reflexão a cerca do que se compreende ou não sobre avaliação, se há uma compressão equivocada de que avaliação

juízo de um resultado, e acaba sendo uma forma errada e perigosa no que diz respeito à prática educativa.

Avaliar é essencial na educação. A mesma é inseparável e indelegável no que se refere à problematização, questionamento e reflexão sobre uma ação. “Educar é fazer ato de sujeito, e problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constante. (Gadotti, 1984)”.

Hoffmann (2005), a considera premissa básica e fundamental, ou seja, postura de “questionamento” do educador. A avaliação é a reflexão transformando em ação.

Martins apud Hoffmann, (1990) diz que o que deveria estar presente no paradigma de avaliação do aluno e do professor como indivíduos humanos, e que a essência do relacionamento fosse sempre um encontro em que ambos os participantes se modificassem; todavia a avaliação, compreendida como juízo, considera apenas as modificações que se produzem de um todo do aluno.

Exercendo-se a avaliação como função classificatória e burocrática, persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação, de do conhecimento. Registros e resultados bimestrais, trimestrais ou semestrais estabelecem uma rotina de tarefas e provas periódicas desvinculadas de sua razão de ser no processo de construção do conhecimento.

Hoffmann (2005, p.17), diz que: “O grau, nota, conceito são conferidos ao aluno sem interpretação ou questionamento quanto ao seu significado e poder”. Essas sentenças periódicas, terminais, obstaculizam na escola a compreensão do erro construtivo e de sua dimensão na busca de verdades. Impedem que professores e alunos estabeleçam uma relação a partir do reflexo conjunto.

Antunes (2000) fala que avaliar significa emitir um juízo de valor ou mérito, examinar os resultados educacionais para saber se preenchem um conjunto particular de objetivos educacionais. E, reafirma tal premissa quando diz que “a tarefa do professor ao avaliar exige competência, discernimento, equilíbrio, além”. É claro de conhecimentos Técnicos (ANTUNES, 2002, p.10).

Nesse contexto, a ideia de avaliação do rendimento escolar, dessa maneira, associasse a uma concepção de conhecimento, mas também à missão de juízo de valores e, portanto, bem mais complicado que procedimento de mediação e, como decorrência desse juízo, a tarefa do professor ao avaliar exige competência, discernimento, equilíbrio, além é claro, de conhecimento teóricos. Assim, “é essencial que o professor jamais esqueça que ao avaliar seu aluno está em última análise refletindo sobre a própria grandeza do desenvolvimento humano” (Antunes, 2002, p.11).

A avaliação é a parte mais importante de todo o processo de ensino aprendizagem. Bevenulti (2002) diz que avaliar é mediar o processo de ensino aprendizagem, é oferecer recuperação imediata, é promover cada ser humano, é vibrar junto a cada aluno em seus lentos ou rápidos progressos.

Acredita-se que o grande desafio para construir novos caminhos, segundo Ramos (2001) é uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado e automatizado no processo ensino/aprendizagem.

A avaliação deverá garantir ao aluno tornar-se autônomo, condutor do próprio destino, fazendo uso dos bens culturais de que se necessita para constituir-se como sujeito. É a partir da nota baixa ou alta que o aluno avalia permanentemente as dimensões dos erros e acertos que comete e das dificuldades que enfrenta para se desenvolver como pessoa em sociedade.

De acordo com Luckesi (2003), a avaliação da aprendizagem constitui-se em conceitos práticos que só podem existir se estiverem articulados com uma pedagogia construtiva. Sem isso a avaliação tem fugido ao seu significado construtivo.

Partindo dessa compreensão se pode afirmar que essa prática está vinculado ao modelo teórico que compreende a educação como mecanismo de conservação da sociedade.

Logo, a avaliação da aprendizagem deve favorecer aos alunos tornarem-se seres autônomos, intelectuais e moralmente com capacidade e liberdade de tomar suas próprias decisões, sendo críticos, criativos, descobridores, observadores e participativos. Nessa dimensão, avaliar é dinamizar oportunidades, ações e reflexões.

3 A AVALIAÇÃO ESCOLAR COMO PROCESSO CONSTRUTIVO DE UM NOVO FAZER

No decorrer do processo para se chegar ao conhecimento do aluno não está se refletindo na avaliação. Embora historicamente a questão tenha evoluído, pois trabalha a realidade, o que se ver hoje e que na maioria das escola se registra a avaliação em forma de notas, na qual esta maneira tem as condições necessárias para revelar que o processo aprendizagem trata-se apenas de uma centralização dos resultados.

Quando se dará importância para os registros, na qual a nota é essencial , o resultado obtido pelo aluno se fragmenta em um processo de avaliação burocrático que acarretará em perda no que diz respeito a processo e a dinâmica da aprendizagem.

Vale refletir que a avaliação tem sido reconhecida como função diretiva, ou seja, tem a capacidade de estabelecer a direção do processo de aprendizagem oriunda esta capacidade de sua característica pragmática, a fragmentação e burocratização acima mencionadas levam a perda da dinamicidade do processo.

Antunes diz que, O foco de uma avaliação jamais deve estar centrado no conteúdo trabalhado, mas na capacidade de contextualização revelada, pelo aluno em aplicar os ensinamentos disse conteúdo em outros níveis de pensamento, outras situações e até mesmo outras disciplinas (ANTUNES, 2006, p 32).

Portanto, uma descrição de avaliação e da aprendizagem poderia revelar todos os fatos que aconteceram na sala de aula. Na possibilidade de se ter instituída, a descrição e não a prescrição, seria uma fonte de dados da realidade, desde que não houvesse uma vinculação prescrita com os resultados.

Vale refletir que ao elaborar um instrumento de avaliação o professor deve sempre preocupar-se com o valor instrumental e prático de aprendizagem construída pelo aluno. Assim, o processo de ensino aprendizagem tem como um dos seus objetivos contribuir com os indivíduos para que haja o desenvolvimento de suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e

criativo, tendo em vista tarefas teóricas e práticas, de modo que se preparem positivamente para a vida social.

Daí, a importância do conhecimento ser a capacidade do ser humano em obter sensibilidade para lidar com os sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Piaget (1997, p. 235) enfatiza esta questão afirmando que: “a aprendizagem nada mais é que um setor do desenvolvimento cognitivo porque se refere a tudo que o aluno recebe em situações específicas de transmissões educativas”.

Agora, se o professor não ocupar o papel de orientador e facilitador desta aprendizagem, fazendo com que o aluno veja a própria experiência, adquira novos conhecimentos, desenvolva habilidades para que possa adaptar-se às mudanças, modificando comportamentos e descobrindo o verdadeiro sentido, dos fatos, das ações, etc., Para tanto, a aprendizagem precisa ser significativa para o aluno relacionar o que está aprendendo com os conhecimentos ou experiências que já possui, ou seja, é através dela que o aluno adquire informações, atitudes, hábitos, valores que regem a sociedade na qual está inserido, e, na medida em que a aprendizagem ocorre, o aluno assume uma definição ampla da educação.

Os conteúdos que os alunos estudam, representam instrumentos para a compreensão de sua prática atual e importantes elementos para a revisão e transformação dessa prática, ou seja, para a compreensão de sua condição de sujeito histórico, produto da realidade. Entretanto, para dar conta desta responsabilidade com a aprendizagem do aluno, a escola desempenha a avaliação em três funções: diagnosticar, controlar e classificar, como afirma Hoffmann (2003): diagnóstica, formativa e somativa.

Função Diagnóstica: permite uma compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, visando uma tomada de decisão em prol do seu processo de aprendizagem. Isto exige que sejam criadas condições para que o aluno aprenda, ou melhor, adquira conhecimentos, habilidades e atitudes. HOFFMANN (2003)

Função Formativa: é realizada com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem durante o desenvolvimento das atividades escolares. HOFFMANN (2003) **Função Somativa:** é classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo,

segundo níveis de aproveitamento apresentados. É tradicionalmente realizada para classificar alunos e definir aprovação e reprovação. HOFFMANN (2003)

Embora sejam essas funções que a escola desempenha, se observa que a mais utilizada é a somativa, também conhecida como classificatória, pois é a partir dela que ocorre a seleção dos alunos que obtiveram maior aproveitamento escolar.

Dessa forma, faz-se necessário mostrar o que é o rendimento escolar, pois para que se compreenda o significado das funções da avaliação, torna-se necessário classificar o que se entende por aproveitamento escolar, uma vez que é sobre ele que a avaliação incide.

O aproveitamento escolar refere-se às construções de conhecimento, ou seja, à elaboração de formas de pensar e relacionar determinados conteúdos que foram alvo de ensino entre as construções já elaboradas pelos alunos e aquelas que foram alcançadas por meio da ação da escola com a avaliação.

Portanto, torna-se importante analisar que o papel da avaliação não se refere

somente ao julgamento escolar dos alunos, que tem como finalidade decidir quais devem permanecer ou sair da escola, pelo contrário, a avaliação tem um sentido e um papel abrangente, no qual, possibilita analisar o aproveitamento escolar em função de uma teoria de ensino aprendizagem, para que, posteriormente, possa se repensar os métodos, procedimentos e estratégias de ensino, procurando amenizar as dificuldades encontradas na aquisição e construção dos conhecimentos.

É desta forma que a escola se organiza no processo da avaliação da aprendizagem, procurando observar se os alunos aprenderam ou não, a partir daí, seleciona os que obtiveram melhores notas. Em geral, a avaliação da aprendizagem é apresentada como um recurso a ser usado na atividade escolar como forma de promoção dos alunos de uma série para a seguinte na trajetória escolar.

Repensar os fundamentos que norteiam as teorias avaliativas implica desvendar as ideologias em que se apóiam na perspectiva de sua superação. Impõe-se pensar uma teoria avaliativa vinculada

à realidade brasileira que se apóie em princípios e valores comprometidos com a transformação social a partir do reconhecimento do compromisso político da escola com as camadas populares.

Portanto, essa prática autoritária da avaliação da aprendizagem se dá em decorrência do senso comum autoritário dentro da sociedade capitalista em que vivemos, sendo que a classe dominante predomina sobre a classe menos favorecida repercutindo no ambiente escolar da mesma forma quando separa os que tiveram melhor rendimento escolar classificando, enquanto que aqueles que não conseguiram esse rendimento ficam retidos na mesma série. Então, a prática escolar que predomina atualmente está dentro deste modelo teórico que compreende a educação como mecanismo de conservação da sociedade.

4 UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A AVALIAÇÃO ESCOLAR

A escola existia antes do capitalismo, mas seu papel muda substancialmente a partir daí em função da mão-de-obra para a indústria. De fato, mais do que capacitar tecnicamente as camadas populares para o trabalho, a grande finalidade da escola foi a de ser disciplinadora, ajudando a preparar o sujeito para a ordem, o controle, a hierarquia, caracterizada pela era industrial.

A avaliação escolar colabora com este processo de dominação. O problema central da avaliação, hoje, é o seu uso como instrumento da discriminação e seleção social na medida em que assume, no sistema educacional brasileiro, a tarefa de separar os "aptos" dos "inaptos", os "capazes" dos "incapazes".

Sabe-se que a reprovação não é algo novo. Segundo Antunes (2003), exames existem desde 2000 anos antes de Cristo. No entanto, no caráter que tem hoje, sua história é relativamente recente. Objetivamente no sistema educacional, a avaliação é hoje o instrumento de controle oficial, o "selo" do sistema, o respaldo legal para a obtenção do diploma, o qual se tornou mais importante que a aprendizagem.

A avaliação dentro de uma visão de um mundo globalizado está cada vez mais desigualitária, principalmente com os que não tiveram oportunidades de estudar ou de fazerem cursos técnicos ou profissionalizantes, porém precisamos contribuir como diz Freire (2002, p.36), para “criar a escola que é aventura, que marcha que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pense em que se atua em que se cria em que se fala em que se ama em que se adivinha a escola que apaixonadamente diz sim á vida.”.

A escola do presente deve trabalhar com a avaliação educacional como um processo formativo, processual e contínuo, onde o processo de avaliar seja uma via de mão dupla, onde o professor esteja analisando a sua capacidade de provocar a construção dos aspectos cognitivos dos educandos e que os alunos analisem a aquisição da aprendizagem construída de forma significativa, como pressuposto básico do estudo, utilizando como fonte de pesquisa, as quatro principais correntes, segundo estudiosos e especialistas como é o caso de MIZUKAMI (1986): tradicional, comportamentalista, humanista e cognitivistas e nelas deteremos nos aspectos processo avaliativo.

Segundo Saviani (apud MIZUKAMI, 1986, p.26), "o professor, nesta abordagem, se caracteriza pela garantia de que o conhecimento seja conseguido, independente do interesse e vontade do aluno". Logo, avaliação é realizada visando à exatidão do conteúdo comunicado em sala de aula, o aluno é medido pela quantidade de informações que consegue reproduzir através de teste, provas, exames, etc. Os comportamentalistas consideram a experiência como a base do conhecimento, ou seja, o conhecimento é o resultado direto da experiência. O conteúdo transmitido visa objetivos e habilidades que levam à competência. A avaliação consiste em constatar se o aluno aprendeu e atingiu os objetivos propostos, quando o programa foi conduzido até o final de forma adequada.

Na abordagem humanista encontramos dois enfoques predominantes: Roges e Neill (apud MIZUKAMI, 1986). Ambos enfatizam o papel do aluno, como principal colaborador do conhecimento humano, o ensino é central no aluno. O professor faz papel de facilitador.

Na abordagem cognitivista a avaliação tem como fundamentação teórica a abordagem piagetiana, para qual o conhecimento é considerado uma construção contínua, onde a mudança de comportamento pode configurar a construção de uma nova aprendizagem. A aprendizagem

verdadeira só se dá no exercício operacional da inteligência, só se realiza quando o aluno elabora o seu conhecimento.

Segundo Cória-Sabini (1986, p.14): “o comportamento é inteligente e interacional. Comporta-se inteligentemente é agir procurando realizar alguma coisa, assim sendo, o comportamento não é controlado por estímulos externos, e sim, pelos propósitos da pessoa que se comporta”.

O bom desempenho do aluno é avaliado no decorrer da sua aproximação com a uma norma qualitativa, na qual se tem um controle do aproveitamento é sempre é apoiado em diversos critérios, considerando-se principalmente a assimilação e aplicação em situações variadas, em que na interação dentro e fora da sala de aula o aluno desenvolverá comportamentos desejados e será provocado a desenvolver os seus aspectos cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendida como um procedimento participativo, do qual deve participar todos aquele que é responsável pela educação como: professores, alunos, pais, especialistas em educação e gestão escolar, a avaliação conduz à superação das concepções quantitativas e autoritárias do conhecimento, buscando a democratização do processo vivido, do produto alcançado e do que se é analisado dando se um valor sobre o que se foi obtido com resultado pretendido. Assim compreendida, a avaliação gera consequências positivas para a formação do autoconceito e do projeto de vida do aluno, contribuindo para o desenvolvimento das competências e das habilidades relativas ao aprender a ser.

O estudo realizado mostra que a avaliação da aprendizagem necessita de uma atenção especial, sobretudo a reflexão sobre o ato de avaliar é uma oportunidade de mudança de postura frente a uma prática avaliativa que muitas vezes tem como principal objetivo medir o conhecimento dos alunos. Assim, entender essa etapa da educação como possibilidade de melhorar a didática na sala de aula e como aliada do ensino-aprendizagem é essencial para transformar o cenário de uma avaliação que tem como finalidade, exclusivamente, fundamental aprovar ou reprovar.

Entretanto, para colocar em prática uma avaliação que ultrapasse essa concepção, faz-se necessário esclarecer o sentido do processo avaliativo para que todos envolvidos na educação possam, também, adotar procedimentos que realmente tenham como foco a aprendizagem do discente. Contudo, adotar uma prática avaliativa diferenciada é um desafio, pois não se trata de

aplicar uma avaliação desestruturada, urge pensar em uma avaliação que cumpra um papel com responsabilidade e que tenha um compromisso com a qualidade da educação.

No entanto, a postura do professor deve ser de mediação entre o saber sistematizado e os alunos, propiciando situações desafiadoras de apropriação do conhecimento. É nessa dinâmica que a aprendizagem é construída pelo confronto de posições, num processo que nada tem de linear, mas que é conduzido por conflitos e desafios. Todavia é importante que os instrumentos de avaliação sejam utilizados tanto pelo aluno como pelo professor, ou seja, que o aluno tenha acesso a suas provas e trabalhos corrigidos, para saber, quais são seus avanços e necessidades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 2003 et al.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. Em três artigos que se completam, 40^a. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, M. (1984). Educação e poder: introdução à Pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2005, 35^a ed. Revista.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. A prática docente e avaliação. Rio de Janeiro: ABT, 1990.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicolette. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

PIAGET, Jean - Imagem Mental na Criança. Porto. Liv. Civilização. 1997

[1] Graduada em Pedagogia, especializada em psicopedagogia institucional, mestranda em Educação Arlete Modesto Macedo Fernandes [.arlete_modesto@hotmail.com](mailto:arlete_modesto@hotmail.com)

2 Professor. E-mail: chicoverdemt@gmail.com